

Mitos e temas revisitados na Literatura Infanto-Juvenil contemporânea: uma literacia de (re)criação

Gisela Silva, Américo Lindeza Diogo, Fernando Fraga de Azevedo
LIBEC/CIFPEC IEC e ILCH, Universidade do Minho, Portugal

Palavras-chave: Literacia; imaginário; símbolos; mitos; (re)criação.

O objectivo desta comunicação é desenvolver uma reflexão sucinta sobre o contínuo aparecimento de obras da literatura contemporânea de potencial recepção Infanto-Juvenil que reabilitam o Imaginário, onde imagens arquetípicas, mitos, símbolos e temas levam à promoção do crescimento intelectual da criança ou do jovem através de uma literacia de permuta e (re)criação.

Tendo por base textos da literatura Infanto-Juvenil portuguesa e estrangeira, no contributo de uma literacia evolutiva do Imaginário em contexto de sala de aula e de Biblioteca Escolar, pretende-se, a partir da experiência de trabalhos desenvolvidos em turmas dos 7º, 8º e 9º anos de escolaridade, reforçar a importância de um correcto arranjo literário construído não só pela realidade efectiva das figuras propostas no texto, mas também pela legitimidade do simbolismo, marca incontestável de uma herança dos tempos primeiros da humanidade e que tanto cativa os jovens leitores.

Apresentaremos como suporte deste trabalho três aspectos discursivo-textuais:

a) A compreensão da problemática de uma nova consciência do Imaginário e o seu papel na literatura para crianças e jovens;

b) A relação dialógica entre o leitor infanto-juvenil e o texto na apreensão de temas, imagens e símbolos enquanto veículos de sentidos e valores;

c) A divulgação de um diálogo aberto ao exercício da prática literária dos símbolos e das imagens em contexto escolar, tendo-se como principal objectivo a prática da leitura e da (re)criação como exercícios de fruição e de enriquecimento enciclopédico para os jovens curiosos e menos curiosos, que são parte integrante das nossas escolas e das nossas famílias.

Serão temáticas de suporte, quer a percepção epistemológica de Mircea Eliade na concretização da linguagem mítica do «centro», quer a reflexão de Simone Vierne na compreensão do percurso iniciático do herói e a sua demanda.

Introdução

Em trabalhos anteriores, falando de literatura infanto-juvenil contemporânea, referíamos-nos ao «saber recriar pela experiência da reaproximação» (Silva, 2006), onde temas, imagens e símbolos confirmavam «o conhecimento da ancestralidade mítica e o domínio dos clássicos da literatura» (2006) daqueles que sabem dar lugar ao sonho e ao imaginário. Hoje, porém, afirmamos, convictos, tratar-se não já de uma recatada reaproximação dos autores que fizeram renascer um universo cultural esquecido por muitos anos em obras de qualidade literária, mas de uma inegável reabilitação do imaginário mítico e simbólico. Numa mão sonhos e na outra um convite para a aventura da leitura pluri-isotópica, muitos têm sido os autores que, numa nítida intenção de cutucar fantasia e realidade, criam uma realidade possível e de identificação com o leitor.

Ora, se falar de literatura para a infância sempre significou valorizar contos e mitos, pois o conto maravilhoso para crianças é, na sua génese, um relato mítico Vladimir Propp (1992, 144-207), parece-nos que assistimos hoje a um renascimento evidente da matéria mítica e simbólica numa literatura para crianças e jovens, essencialmente, pré-adolescentes, cuja essência se dá a ler, mais do que nunca, pela participação activa e curiosa de um sujeito-leitor investidor que procura a simplicidade do belo e do mágico em narrativas que sugerem mais do que dizem e que estimulam mais do que impõem. São, assim, estas narrativas de reminiscências, portadoras de uma riqueza linguística e

semântica única e de um simbolismo marcante, que conquistam aqueles que reconhecem neste género de narrativas os alicerces de uma cultura a desenvolver, pois ao homem sempre importaram questões ligadas às suas origens, das quais surgiram os mais belos relatos míticos ou as mais histórias de encantar.

Tendo em atenção o valor heurístico do texto, na procura da descodificação do sentido e da sua plurissignificação, pelo contacto voluntário com estas “novas” narrativas, o pré-adolescente vai alargando o seu *background* cultural e enriquecendo as suas competência enciclopédica e estética. Retomando as palavras de Fernando Fraga de Azevedo, diríamos que este sujeito-leitor, «claramente consciente acerca da (...) riqueza semiótica» da língua, procura «exercit[á-la] na sua omnifuncionalidade, tomando-a como instrumento de criação e de recriação do mundo» (2002: 295). Assim, na busca sistemática de outras referências, este sujeito sensível e crítico, acede, com confiança, à descodificação e expansão dos seus horizontes culturais a partir de uma outra forma de *ler*. Estas *novas* leituras surgem, então, no complemento de sentidos e significados *outrificados* presentificados na intencionalidade interpretativa do leitor e do próprio texto, o que nos reporta à consciência de uma competência linguística, intertextual e literária, necessárias à compreensão plural do texto, tal como também o reforça Jacqueline Held (1987: 147), pois: «la obra de arte es ambigua por esencia, susceptible como tal de ser descifrada de muchas maneras. De suerte que una obra literaria rica es, en muchos casos, la que podemos reencontrar en diversas etapas de la vida y releer de otro modo».

É dessa pluralidade que pretendemos falar no âmbito desta comunicação, bem como na divulgação de uma *leitura* das imagens, temas e símbolos nestas obras de “anexação” e que obrigam ao uso de um discurso polissémico através de reflexões, diálogos verticais e buscas de sentidos intertextuais por parte de todos os que realizam, na aventura do Imaginário, uma viagem enriquecedora e cosmogónica.

A Literatura Infanto-juvenil Contemporânea: da selecção à «anexação» de um Imaginário de sentidos e valores

É pois, com uma idade compreendida entre os 10-14 anos, que o leitor, ávido de outros conhecimentos e em harmonia com a leitura a realizar, procura a sabedoria de um imaginário mítico e simbólico que ele sabe continuar a encontrar nas obras que fazem apelo a esse outro lado. Criando uma distância, até então nunca imaginada, das temáticas circunscritas numa cyber-cultura repetitiva e quantas vezes opressora, o jovem-leitor de hoje tem vindo a marcar encontros mais regulares, quer com as fadas, os unicórnios, os centauros, os dragões, os elfos, a Fénix, os anões, os animais falantes e outras demais personagens mágicas, quer com os mitos e determinados elementos característicos do tema do herói: a partida, a iniciação, a demanda e o regresso vitorioso que são momentos essenciais da aventura do Eu iniciático.

Ao referirmo-nos a esse *jovem-leitor de hoje*, no âmbito deste trabalho, queremos reportar-nos aos vários leitores contemporâneos que se maravilharam e continuam a fazê-lo com as aventuras e desventuras do pequeno feiticeiro de «Hogwarts» e que acabaram de acrescentar à prateleira das

suas preferências a última obra da saga¹, bem como outras de igual valor. Pensamos que depois do enorme sucesso que tem vindo a ser, *Harry Potter* se transformou no objecto estético apetecido e que é a obra em si (não nos reportamos exclusivamente ao sucesso das vendas e muito menos à infundável lista de produtos comercializáveis, mas à inegável “anexação” da saga por crianças e jovens). Parece-nos, inclusive, que ficou claro que milhões de crianças e jovens de todo o mundo adoptaram os sete livros publicados porque foi com eles que “o portal mágico se abriu, facultando-lhes o acesso a todas as referências do para-além e do contrafactual que fizeram, outrora, parte da sua cultura infantil – recheada de bruxos maus, fadas madrinhas e fadas de luz, anões, e outros tantos seres – quando escutavam maravilhadas histórias de encantar, no colo do avô ou no momento do beijo de boa noite” (Cf., Silva, 2002: 21-23).

Muitas são as narrativas de qualidade estético-literária que apelam à participação activa interactiva do leitor mais jovem mesmo se estas não fazem parte da apelidada “literatura canónica” infanto-juvenil, e que se situam numa espécie de linha divisória, nas denominadas literaturas de margens (de massas ou *best-sellers*²) mas que os nossos jovens leitores requerem e adoptam como suas desde finais dos anos 90, caracterizando-as, em conversas plurais, de “espectaculares”.

Enquanto o impulsionador de um género já esquecido, *Harry Potter* chegou até aos mais jovens e revalorizou aquilo que se encontrava já a dez palmos, corrompido por uma cultura *Action-Man*. Desde então, muitas têm sido as obras publicadas sobre este género revisitado e adicionadas às bibliotecas, revalorizando-se o fantástico na forma de trilogias, sagas ou narrativas singulares³, ou obras que, se para os adultos eram já consideradas como narrativas do passado, para os mais jovens foram de descoberta e de conseqüente anexação, como: *O Hobbit*, de (Tolkien, 1997) ou *As Crónicas de Nárnia*, de Lewis (2003-2004), cujas primeiras edições datam de 1937 e de 1955 respectivamente, ou ainda a Trilogia *O Senhor dos Anéis* (Tolkien, 1954-1955), por exemplo.

Cabe-nos agora reflectir sobre a importância destas narrativas que ainda não fazem parte da apelidada “literatura canónica” infanto-juvenil e que se situam numa espécie de linha divisória, nas denominadas literaturas de margens (de massas ou *best-sellers*), mas que os nossos jovens leitores requerem e “anexam” às suas leituras voluntariamente *obrigatórias*. Estas e ainda muitas outras, que emergem pelo mundo fora, revalorizam uma hermenêutica do Imaginário, onde são recuperados imagens arquetípicas e arquétipos essenciais, o que as torna, a nosso ver, em verdadeiros transmissores de mensagens. Pela sua cosmovisão, elas apelam sobretudo à participação do sujeito-leitor ao qual é facultado poder relatar, de uma outra forma, histórias que já foram esquecidas, vestindo os textos com roupagens de significações mítico-simbólicas que lhe conferem um estatuto verdadeiramente literário.

Não é nosso propósito analisar aqui a problemática da existência ou inexistência de uma literatura infanto-juvenil enquanto literatura *tout court*, nem tão pouco tentar resolver questões antigas relativas à noção canónica de livros infantis e juvenis. Julgamos, contudo, ser necessário tentar compreender o fenómeno da “anexação” relativamente a estas obras tão procuradas e lidas⁴, baseando as nossas conclusões em valiosos contributos da teoria e crítica literárias.

No que diz respeito à literatura infantil, Américo Lindeza Diogo refere a necessidade de nos reportarmos a uma literatura «adquirida» ou «anexada»⁵ (Diogo, 1994: 8-9) ou ainda a um «fenómeno

de anexação» – tal como a denomina Maria Laura Bettencourt Pires, em *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1981: 63) – pois só assim poderemos falar de literatura infantil. A propósito do nosso objecto de estudo que é essencialmente a literatura fantástica pensada para os mais jovens, retomaremos as palavras de Lindeza Diogo para justificar a noção do “literário” para a literatura mítico-simbólica de grande tiragem ou bestseleriana.

Ora, segundo Lindeza Diogo (com quem partilhamos da mesma opinião), não importa falarmos de literatura infantil ou juvenil se não considerarmos a **selecção** e posterior **adopção** (“anexação”) do livro pela criança ou pelo jovem. Se não tivermos em conta o facto deste leitor poder «decid[ir] escolher» (Diogo, 1994: 10), ou seja, poder ultrapassar o seu estado de impotência relativamente à legitimação crítica e produção de tais literaturas (criadas e seleccionadas para ele). Sabemos que muitas vezes, quando persuadida ilegitimamente ou quase coagida, a criança e mais ainda o pré-adolescente ou adolescente opta pela postura mais conveniente, o que nos obrigará a falar de uma literatura feita para crianças e jovens de carácter obrigatório, onde a sua vontade em expressar-se apenas ganha voz pela recusa, pelo fingimento ou pelo indiferentismo

Parece-nos que para se falar deste género da literatura infanto-juvenil contemporânea, cujos temas são ricos em matéria mítica, não deveremos apenas atentar no facto de este ou aquele ser considerado um livro de qualidade literária para o jovem leitor, mas, sobretudo, compreendermos a capacidade de “anexação” própria deste leitor, que procura no livro a fruição⁶ e a identificação, mesmo se inconsciente, de valores essenciais.

Ora, se esta literatura pode, para além do seu estatuto de objecto estético, logo de fruição, afigurar-se como objecto de partilha e de transmissão de valores ou sentidos a seres em crescimento (e por isso mesmo “mais abertos à recepção desses mesmos valores”), devemos ter em conta o seu estatuto enquanto veículo de transmissão de mensagens e formação na personalidade do seu leitor.

Wolfgang Iser considera igualmente essa interrelação entre o objecto estético e o seu leitor, apontando como primordial a «prise de conscience [qui] a lieu par la suite de l’interaction entre le texte et le lecteur» (1997: 94) e a partir da qual deve realizar-se «la participation à la solution, et non pas la simple contemplation de celle-ci» (1997: 91). Texto e leitor devem, assim, implicar-se numa dialéctica interpretativa, tendo por objectivo um contínuo reajustamento para que a solução dos desafios interpretativos seja alcançada pelo leitor e, simultaneamente, questionada e/ou reajustada mediante a sua compreensão⁷.

Ao considerar-se essa intra-actividade percebemos a relevância da solidariedade semiótica realizada entre o leitor e o texto, o que permite falar-se da criação de novas histórias e aventuras para o leitor (descodificador), pois este não se constrange em reiterar ou acrescentar significados ao que aparentemente o texto diz, a partir do exercício da adição ou da subtracção. Assim, parece-nos justo considerar como válida a denominação de literatura «“literária”» (Diogo, 1994: 7) para obras que, como *Harry Potter*, para além de proporcionar inegáveis momentos de fruição para os seus milhões de leitores, possibilitam a construção de outras realidades preparando-os para serem melhores leitores, isto é, leitores mais reflexivos e mais exigentes.

Os temas e as imagens da Literatura Infanto-juvenil Contemporânea: a cooperação interpretativa do leitor

Se reconhecermos que a literatura procura desde sempre, enquanto parte estruturante e fundadora da noção de humanização, um discurso epistémico intertextual com outras áreas científicas para poder responder às várias solicitações do homem, a intertextualidade constitui, cada vez mais, um espaço singular onde se interconectam diferentes objectos de estudo com metodologias próprias e se mesclam várias culturas e saberes.

Assim, tendo em a intenção a mundividência cultural do escritor e as influências literárias (ou outras) que antecederam o momento da sua criação; as competências linguística e enciclopédica do sujeito-leitor, que reconhece no texto outras leituras; bem como a efectivação do imaginário como um conhecimento plural, capaz de facultar a compreensão de uma polifonia entre as leituras *in absentia* (relativamente a outros textos) revalorizadas *in presentia* (em contacto com o próprio texto), devemos compreender o texto infanto-juvenil contemporâneo mítico-simbólico como o veículo da abertura ao Outro e a outras realidades. Tal permite-nos asserir que o imaginário, entendido como um domínio do “científico” literário e sem limitações temporais ou espaciais⁸ deve ser sobretudo compreendido na forma criadora, contínua e gnosiológica do mito.

Através da reabilitação de mitos e seus mitemas estruturantes⁹, símbolos e temas da literatura, bem como pela subjectividade de um leitor reflexivo, dá-se o advento de um Imaginário, sinónimo de um tempo revalorizado e de uma imaginação criadora. Northrop Frye (1994: 6) diz: «ce qu'un mythe veut dire est ce qu'on lui fait dire au cours des siècles», o que nos permite compreender estas narrativas contemporâneas, de qualidade literária, como receptáculos vivos de contínuas permutas de sentidos e valores.¹⁰ Referindo uma sábia expressão de Eliade (1999a: 12) «On est en train de comprendre aujourd'hui une chose que le XIX siècle ne pouvait même pas pressentir: que le symbole, le mythe, l'image appartiennent à la substance de la vie spirituelle, qu'on peut les camoufler, les mutiler, les dégrader, mais qu'on ne les extirpera jamais». Confirma-se, mais uma vez, que grande parte da literatura contemporânea de massas de âmbito mais juvenil, adoptando uma postura de revalidação dos modelos míticos presentificados pela intervenção de um imaginário permeável ao empírico real, tem vindo a ganhar terreno não se tratando (a nosso ver) de uma mera moda, mas de uma acepção do mundo na sua universalidade empírica e simbólica.

Para Eliade (1999: 13-14): «les images, les symboles, les mythes (...) répondent à une nécessité et remplissent une fonction: mettre à nu les plus secrètes modalités de l'homme» o que prova que o sujeito-leitor, que anexa à sua biblioteca particular estas literaturas contemporâneas de reabilitação dos temas imagético-ancestrais, na revalorização dos modelos mítico-simbólicos, sabe que ««[a]voir de l'imagination», c'est jouir d'une richesse intérieure, d'un flux ininterrompu et spontané d'images. (...) Avoir de l'imagination c'est voir le monde dans sa totalité» (1999: 23-24).

Devemos compreender que são obras como estas que, sem se submeterem a pressões culturais e educacionais, vão de encontro às necessidades do pré-adolescentes e adolescente (leitor assumido da descoberta). Compreendemos ainda que é, de facto, esta tomada de consciência que importa veicular. Estas literaturas, onde emerge a riqueza semântica de inúmeros mitos que confirmam os

temas da aventura e da viagem (real ou simbólica) pela imagem da empresa pessoal ou colectiva do herói, remetem para a pedagogia do êxito, da reposição da ordem. A demanda de um *happy-end* no compromisso de uma missão a cumprir são as noções que advêm da aventura dos heróis.

Ao dar voz ao seu Imaginário, motivado pelo jogo da participação, o leitor, num envolvimento cada vez mais pessoal com o texto literário, vai enriquecendo o seu universo intelectual, alcançando o resultado da satisfação sempre que obtém respostas correctas e/ou concretiza identificações (próprias do seu nível etário) com o herói da história.

Cumprindo com um papel sociocultural importante, estas narrativas permitem ao pré-adolescente desenvolver a sua sensibilidade e explorar temáticas contemporâneas vigentes, como por exemplo a da: pluralidade racial; da dimensão humanitária e social; do meio ambiente, cuja dimensão essencialmente social e ecológica, abarca a imagem arquetípica da *Terra-Mater* enquanto espaço de organização e de harmonia para a Humanidade; do maniqueísmo, que aborda várias dimensões. Tais temáticas remetem para as noções da responsabilidade, da solidariedade e do humanitarismo, da consciencialização, da partilha e do dever, e, por conseguinte, à reflexão e à cooperação. Levando ao diálogo, este ideal pedagógico pretende uma tomada de consciência colectiva que ajude o pré-adolescente a ultrapassar as suas dificuldades, a vencer os seus medos e a lutar contra os seus fantasmas, encaminhando-o para uma vida adulta.

Conclusão

Certo é que esta literatura infanto-juvenil do século XXI e finais do século XX tem vindo a manifestar-se de forma significativa, numa readopção do mistério e da linguagem mágica da ancestralidade mítica e parece estar cada vez mais a ganhar expressão sobre o nosso mundo. Se queremos, pues, colaborar en las lecturas de nuestros jóvenes sin caer en actos beligerantes contra lo Imaginario, que también es literario, entonces debemos tórnalo universal.

Se queremos, pois, participar das leitura e das vidas dos nossos jovens, sem cairmos em actos beligerantes contra o Imaginário que é sobretudo literário, então devemos aceitá-lo nas nossas escolas, fazendo da sua hermenêutica um instrumento de consolidação das demais aprendizagens da criança e do jovem. Não nos deixemos cair no erro de acreditar que estas narrativas impedem o raciocínio lógico e que o leitor infanto-juvenil não sabe distinguir a ficção que lhe é narrada e a sua própria realidade empírica. O leitor obreiro de imagens teve, como já o constatamos anteriormente, um contacto com outras leituras que lhe permite aceder à noção do pacto ficcional com o autor e, por isso mesmo, está preparado para interagir de forma disciplinada e enriquecedora com a literatura de revalorização mítico-simbólica, construindo, a seu modo, mundos outros de significados. Caso será para dizer: Não fossemos nós seres simbólicos!

¹ Quando nos referimos às literaturas infanto-juvenis de massas queremos destacar aquelas que retratam uma realidade manifestamente ligada aos valores da ancestralidade mítico-simbólicos e à importância da iniciação enquanto processo de crescimento psicossocial na reiteração de valores ancestrais.

² Parece-nos correcta a definição de saga na medida em que, em *Harry Potter* existe um processo de crescimento psicossociológico, proveniente de todo um investimento pessoal e colectivo das personagens para a reposição da ordem, percebendo-se, em vários momentos, a noção do *factum*, do perigo, quer por intuições, quer por presságios e até sonhos.

³ Enunciamos algumas das de maior tiragem ou os considerados *best-sellers*, como: as trilogias: *As memórias da Águia e do Jaguar – A Cidade dos Deuses Selvagens, livro I, O Reino do Dragão de Ouro, livro II, O Bosque dos Pigmeus, livro III*, de Isabel Allende (2002-2004); *Memórias de Idhún*, de Laura Gallego (2004-2005); as sagas: *Hijos del Dragon*, de Lucía G. Lavado (2005-2006); *A demanda d’Ewilan*, de Pierre Bottero; *Arthur et les Minimoys*, de Luc Besson (2003-2005); *La espada de fuego I, La espada de fuego II – El espíritu del mago*, de Javier Negrete (2005); *O Cepetro de Aerzis*, de Inês Botelho (2003-2005); *Coração de Tinta e Sangue de Tinta*, de Cornélia Funke (2005-2006); *Luz e Escuridão – Crepúsculo, livro I; Lua Nova; livro II; Eclipse, livro III*, de Stephenie Meyer (2006 -2007); *Fronteiras do Universo – A Bússola Dourada, livro I*, de Philip Pulman (2007); *Terras de Corza – O Décimo Terceiro Poder*, livro I, de Madalena Santos (2006); ou as obras: *A Profecia das Pedras*, de Flávia Bujor (2005); *Grimpow*, de Rafael Abalos (2005); a *Trilogia da Herança, Eragon, livro I; Eldest, livro II*, de Christopher Paolini (2004-2005); *O Voo Dragão*, de Anne MacCaffrey (2006); *O Portão do Corvo*, de Anthony Horowitz (2006), e o *Último Grimm*, de Álvaro Magalhães.

⁴ Apenas consideramos as de qualidade literária, distinguindo-as das consideradas «um produto comercial» ou ainda um «romancear de puros actos de consumo» (Diogo: 1994:112; 2004: 115).

⁵ Tanto com Juan Cervera (1991), como Bravo-Villassante (1989) reportam-se à «literatura gañada». Pelas razões apontadas por Lindeza Diogo (1994: 8), preferimos a noção «anexada».

⁶ Entenda-se que a responsabilização do adulto, na orientação para a selecção do texto literário, não está posta de parte, muito pelo contrário, pois este, enquanto mediador entre o objecto estético e o leitor, deve oferecer outras hipóteses de leitura, caso seja necessário, pois, e como o afirma Cervera (1991: 12) «no toda la publicación para niños es literatura». Pensemos, por exemplo, nos livros que não originam momentos de cooperação e de reflexão crítica por parte do leitor enquanto sujeito em aprendizagem (Cf. Mendoza Fillola, 1999:15) ou que não proporcionam leituras frutuosas e proficuas em significados, anulando-se o valor estético do texto.

⁷ Tratando-se de uma comunidade leitora cuja idade permite o contacto com códigos linguísticos e mecanismos técnico-formais de uma densidade semiótica cada vez mais elaborada, os leitores pré-adolescentes não se coíbem em exigir respostas e/ou procurarem, de forma consciente, identificações com as personagens das histórias narradas. Os sentimentos que nutrem pelas personagens são, geralmente, muito fortes, o que os leva a sofrer ou reagir entusiasticamente com as suas vitórias, tomando como suas as demandas dos heróis.

⁸ Não esqueçamos que o imaginário participa, desde sempre, das características essenciais da humanidade enquanto que dimensão simbólica pela qual ela se exprime.

⁹ Para Gilbert Durand os mitemas são os traços distintivos que caracterizam os mitos. Eles são «La plus petite unité du discours mythiquement significative» (Durand, 1979).

¹⁰ A partir desta breve alusão ao mito, enquanto enunciado de sentidos, compreendemos que, para além das perspectivas estilístico-formal e narratológica dos textos literários, cumpre confirmar o valor do mítico. Caso estes textos da literatura juvenil contemporânea fossem lidos, tendo-se apenas em conta os aspectos linguísticos do texto, a sua efectiva poeticidade seria banida e a sua verdadeira compreensão e estado de fruição seriamente comprometidos, portanto, a literatura infanto-juvenil contemporânea de reabilitação mítico-simbólica enquanto prenunciadora de um imaginário latente obriga à leitura (compreensão) das imagens daí decorrente.

Referências Bibliográficas:

- AZEVEDO, Fernando José Fraga de (2002). *Texto Literário e ensino da língua. A escrita surrealista de Mário Cesariny*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.
- BETTELLHEIM, Bruno (1998). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora, Lda. [1ª Edição: 1975].
- BRAVO-VILLASANTE, Carmen (1989). *Ensayos de Literatura Infantil*. Murcia: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Murcia.
- CERVERA, Juan (1991). *Teoría de la Literatura Infantil*. Bilbao: Ediciones Mensajero-Universidad de Deusto.
- DIOGO, Américo António Lindeza (1994). *Literatura Infantil, História, Teoria, Interpretações*. Porto: Porto Editora.
- DURAND, Gilbert (1979). *Figures mythiques et Visages de l’œuvre – de la mythocritique à la mythanalyse*. Paris: Dunod
- ECO, Umberto (1997). *Seis passeios no Bosque da ficção*. Alge: Difel – Difusão Editorial, S.A. [Edição Original: Harvard: Harvard University Press].
- ELIADE, Mircea (1999). *Images et Symboles*. [1ª Edição: (1952)]. (2001). *Le mythe de l’éternel retour*. Paris: Gallimard. [1ª Edição: (1949)].
- HELD, Jacqueline (1987). *Los niños y la literatura fantástica. Función y poder del imaginario*. Barcelona: Ediciones Paidós. [Edição original: Paris: Les Éditions Ouvreires, 1977].

-
- ISER, Wolfgang (1997). *L'acte de lecture. Théorie de l'effet esthétique*. Belgique: Pierre Mardaga éditeur. [Ed. Original : West Germany: Wilhelm Fink Verlag, 1976].
- MENDONZA FILLOLA, António (1999). Función de la literatura infantil y juvenil en la formación de la competencia literaria. In CERRILLO, Pedro C.; J. PADRINO, GARCÍA, (coord.). *Literatura infantil y su didáctica*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-la-Mancha, 11-53.
- NORTHROP, Fry (1957). *Anatomy of Criticism*. Princeton: UP.
- PIRES, M. Laura Bettencourt (1981). *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Veja
- SILVA, Gisela (2002). *L'Espace dans Harry Potter à l'École des Sorciers de J. K. Rowling: analyse sous la perspective de la mythocritique*. Salamanca: Universidad de Salamanca.

Bibliografia Passiva :

- ARAÚJO, Alberto Filipe (2004a). *Educação e imaginário. Da Criança Mítica às Imagens da Infância*. Maia: ISMAI.
- ARAÚJO, Alberto Filipe; ARAÚJO, Joaquim Machado de (2004b). *Figuras do Imaginário Educacional. Para um Novo Espírito Pedagógico*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (2003a). Palavras de Apresentação. In ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (coord.). *Variações sobre o Imaginário – Domínios, Teorizações, Práticas Hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 339-364.
- BACHELARD, Gaston (1998). *La poétique de l'espace*. Paris: PUF. [1ª Edição: 1957].
- (1999). *La poétique de la rêverie*. Paris: PUF. [1ª Edição: 1960].
- CERRILLO, Pedro; GARCÍA PADRINO, Jaime (coord.) (1990). *Literatura infantil*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha
- (1992). *Literatura infantil y enseñanza de la literatura*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha.
- COLOMER, Teresa (1995). La adquisición de la competencia literaria. *Textos*. Barcelona: Graó Educación. Nº 4.
- (1998). *La Formación del lector literario. Narrativa Infantil y juvenil actual*. Madrid: Fundación Germán Sanchez Ruipérez